

Crônica jornalística: um espelho para a história do cotidiano?

Claércio Ivan Schneider¹

RESUMO: Considerar a crônica jornalística como "documento" para a análise do cotidiano é um dos objetivos que compõe este artigo. Além disso, busca-se apresentar as singularidades do cronista e da história do cotidiano no registro do tempo presente, apontando para as características da composição da crônica enquanto texto jornalístico.

PALAVRAS-CHAVE: crônica; história; cotidiano.

ABSTRACT: To consider the journalistic chronicle as "document" for the analysis of the daily is one of the objectives that composes this article. Besides, it is looked for to present the columnist's singularities and of the history of the daily in the registration of the present time, appearing for the characteristics of the composition of the chronicle while journalistic text.

KEYWORDS: chronic; history; daily.

Mais dia menos dia, demito-me deste lugar. Um historiador de quinzena, que passa os dias no fundo de um gabinete escuro e solitário, que não vai às touradas, às câmaras, à Rua do Ouvidor, um historiador assim é um puro contador de história. E repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanitas; o contador de história foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar (Machado de Assis, 1994, p. 361-62).

O cronista Machado de Assis, no fragmento acima transcrito, pode ser tomado como exemplo para a compreensão do problema exposto logo no título deste artigo. Problema que se desdobra quando o que está em jogo na escrita da crônica é o critério de verdade e a sua relação com o tempo presente. Ai, o

¹ Doutorando em História pela UNESP-SP. Bolsista da CAPES.

cuidado metodológico do pesquisador no exercício de análise das crônicas jornalísticas torna-se fundamental, haja vista que o historiador e o contador de histórias, como alerta Machado, muitas vezes se confundem no registro do cotidiano. Neste artigo tem-se a intenção de apontar alguns pressupostos metodológicos para o uso da crônica no exercício de interpretação histórica do cotidiano. Especificamente, quais as possibilidades de se abordar a crônica jornalística na perspectiva da História? Como interpretar e analisar o cotidiano a partir da crônica? Pode um cronista servir como testemunha de um determinado momento histórico?

Hoje, a maioria dos historiadores responderia que sim, sem hesitar. Porém, a resposta viria acompanhada de uma outra preocupação: que tipo de tratamento metodológico dar a esse tipo de fonte? Neste ponto, as respostas podem divergir em se considerando diferentes autores, temáticas e temporalidades abordadas. No entanto, a preocupação, entre os historiadores, em reconceituar o papel da crônica na e para a história está sempre presente a cada nova tentativa de interpretação que a tome como fonte documental.

Margarida de Souza Neves indica algumas pistas para se pensar o caráter propriamente documental da crônica na investigação histórica. Segundo ela, é possível que se considere a crônica como:

(...)“documento” na medida em que se constitui como um discurso polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um “tempo social” vivido pelos contemporâneos como um momento de transformações. “Documento”, portanto, porque se apresenta como um dos elementos que tecem a novidade desse tempo vivido. “Documento”, nesse sentido, porque imagem de nova ordem. “Documento”, finalmente, porque “monumento” de um tempo social (...) (1992, p. 76).

A crônica como um “discurso polifacético”, ou seja, que expressa as diferentes vozes – mesmo que contraditórias – de um determinado tempo social e que, dessa forma, se transforma num “monumento”, ou numa memória desse social, é destacado pela autora como questão central para se considerar a crônica como documento. Importante destacar que as potencialidades documentais da crônica, acima apontadas por Neves, são resultados diretos da própria transformação da sociedade na qual ela se funda e, conseqüentemente, de tal gênero literário. Assim, pensar a crônica pressupõe

pensar a própria atividade do cronista bem como seu papel de personagem da cidade que busca “registrar”. Além disso, a importância do jornal enquanto veículo de comunicação não pode ser desconsiderado. Portanto, *é enquanto se apresentam como “imagens de um tempo social” e “narrativas do cotidiano”, ambos consideradas como “construções” e não como “dados”* (1992: 76), que as crônicas podem ser consideradas como documentos para a História.

A importância do jornal, como mostra Margarida de Souza Neves, pode ser comparada à própria transformação que a imprensa como um todo passa a sofrer. O processo de modernização da imprensa reflete a passagem de uma confecção quase artesanal dos diários a uma imprensa de cunho empresarial. Ou seja, a profissionalização do jornalismo, a formação de um público de massa, a incorporação de novos meios técnicos são características importantes a serem consideradas no momento em que se busca compreender um dos principais espaços de divulgação de saberes.

De forma geral, foi a partir do folhetim – uma espécie de gazeta onde inicialmente se publicavam romances – que a crônica – cuja palavra originária do grego *chronikós* faz referência ao tempo *chrónos* – emerge em suas múltiplas possibilidades. De uma feição ligada especificamente ao gênero histórico – onde os cronistas, principalmente medievais, relatavam os grandes feitos dos heróis ou dos príncipes – à relação com a literatura e o jornalismo ao longo do século XIX a crônica fixa-se no Brasil e aqui assume uma conotação de gênero caracteristicamente brasileiro.

Atualmente, o sentido da crônica remete a um gênero literário em prosa, ligado ao jornalismo, mas que evita o sentido de reportagem. Ou seja, o fato, para o cronista, é apenas um meio de discorrer sobre o cotidiano. Talvez por isso muitos considerem a crônica enquanto um “gênero menor”, uma atividade marginal dos escritores – muitos, inclusive, adotando pseudônimos para que o leitor não confundisse a carreira de romancista, já consagrada, com a de cronista. Rony Farto Pereira destaca esta questão, apontando para a heterogeneidade da crônica no registro do cotidiano. Segundo ele:

(...)os estudiosos são unânimes em catalogá-la como gênero menor, ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo, a variedade, a finura e argúcia na apreciação, a graça da análise dos fatos miúdos e sem importância. Não deixa de ser um gênero até certo ponto impreciso, às vezes confundida com conto ou com ensaio, dados os diversos tipos em que pode ser encontrada: crônica

metafísica, que promove reflexões de conteúdo mais ou menos filosófico; crônica poema-em-prosa que apresenta conteúdo lírico; crônica-comentário, na qual se apreciam os acontecimentos, acumulando assuntos diferentes; crônica-informação, que divulga fatos, tecendo comentários rápidos sobre eles (...); crônica-narrativa, que tem por eixo uma história ou episódio (1998,p.04).

Aliar a subjetividade da criação literária com a objetividade do jornalismo parece ser um método muito utilizado por cronistas atentos ao estilo e à agudeza das observações. O tom de superficialidade que o gênero exige e a variedade de assuntos sobre os quais o cronista é obrigado a escrever faz com que à crônica tenha o fato como matéria prima para captar e tematizar as entrelinhas da vida cotidiana. No entanto, outros aspectos se destacam. A crônica é um texto ligeiro, rabiscado depois da leitura do jornal. Em grande medida, o cronista toma algum assunto – sério ou trivial – e o transforma em tema de discussão. Neste ponto, a crônica pode ser política, trágica, irônica, humorística – muito em moda nos dias de hoje –, ou seja, o cronista pode fazer uso de diferentes tropos de linguagem para dar sentido ao tema que elegeu para discussão.

A *grosso modo*, compreender a crônica na especificidade de sua constituição desde já revela sua complexidade. Seu caráter fragmentário, seu compromisso com o aqui e agora, com sua contingência para com o jornal (obrigação do profissional), fazem da crônica um veículo “imperfeito”, muitas vezes permeado por contradições. Este último aspecto, aliás, pode ser considerado como uma das peculiaridades da crônica. Ademais, a ligação do cronista com o jornal faz com que a própria imprensa seja matéria da crônica. No entanto, a delimitação do espaço da crônica no jornal como coluna assinada é um fator que limita as relações políticas entre o periódico e o autor. Isto porque a expressão crítica do pensamento do autor passa a ser de sua própria responsabilidade.

A crônica enquanto gênero jornalístico apresenta especificidades, principalmente em se tratando de sua versão moderna. A crônica é um texto breve, para leitura rápida, entre um gole de café e outro, entre uma notícia e outra. Este caráter da crônica se deve ao fato dela não ter pretensões de durabilidade. Dessa forma, o cronista age de maneira mais “solta” e “leviana”,

examinando os acontecimentos pelo ângulo subjetivo da interpretação. Eis a liberdade do cronista.

Entende-se, assim, a crônica jornalística como representação literária do fragmentário, do ambíguo, do efêmero. Por isso mesmo, a expressão literária pelas crônicas é múltipla, contendo significados que podem ser perceptíveis a um vasto público. Por isso, pensa-se o cronista não como alguém que produz crônica enquanto “pura” atividade estética, mas que faz deste gênero uma forma de comunicação política com o leitor. A reflexão histórica torna-se possível, portanto, desde que se considere o cronista enquanto político, ou seja, como um sujeito que lida, politicamente, com a sensibilidade do leitor.

Seguindo esta linha, não é errôneo afirmar que o cronista é uma espécie de historiador do cotidiano, mesmo que não esteja preocupado em fazer história. O objetivo do cronista reside no registro dos pequenos acontecimentos de todos os dias com a liberdade própria de sua atividade. As aventuras e desventuras do cotidiano, as notícias atuais, os inúmeros temas e focos de abordagem sócio-cultural que a crônica possibilita constituem-se em alguns dos elementos constantemente retratados pelo cronista, o que revela que não há restrição temática.

É neste ponto que a relação da crônica com a história do cotidiano parece ser oportuna ao investigador. Nascer e morrer com a periodicidade do jornal no qual foi publicada e, ademais, ter as notícias diárias do próprio jornal como conteúdo de reflexão, denota a estreita ligação do cronista com as questões do cotidiano, com o tempo presente.

Por história do cotidiano entende-se uma dimensão temporal da realidade onde se realiza toda e qualquer ação humana. O cotidiano é o momento da ação histórica, portanto, é o espaço de disputas e de conflitos em determinada estrutura que pode revelar ou desnudar as hierarquias e as opções ideológicas. O cotidiano é o tempo da mudança, é o tempo da transformação, mesmo que lenta, mesmo que imperceptível aos olhos comuns. Por isso é que se pensa o cotidiano como uma instância temporal no qual a permanência e a mudança – a estrutura e a ação – são partes constituintes de uma mesma realidade. Como destaca Agnes Heller, *a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social* (Heller, 1989: 20).

Portanto, o cotidiano – que na origem latina, *quot dies* é, um dia e todos os dias – engloba o instantâneo e o duradouro. Pequenas ações e grandes ações, a repetição e a singularidade, o rotineiro e o excepcional, a inércia e a transformação, a consciência crítica e a alienação etc., ou seja, no cotidiano convivem e concretizam-se diferentes aspectos da realidade que se pode perpetuar ou transformar. O cronista e a crônica podem ser considerados, nesse sentido, interprete e crítica de um momento histórico único, no qual o cotidiano não apenas é indicador do tempo vivido, mas e principalmente, é fonte de produção de saber, posto que possa ser pensado como espaço concreto de realização da história em todas as suas dimensões. O acontecimento, nesse sentido, passa a ser um produto do cotidiano.

Amplo, portanto, é o espectro da crônica. Ela pode, como afirma Sandra Ferreira:

(...)converter-se em uma espécie de passe de mágica, que permite alcançar o território do prazer sem eliminar a consciência da realidade; pode deleitar com a recriação artística de um momento belo de nossa vulgaridade cotidiana; pode explorar o humor das situações que melhor ilustrem a face tragicômica da condição humana; pode recriar a notícia captando seu até então insuspeito encantamento; pode valer-se da situação particular do cronista enquanto metáfora de situações universais. Tudo pode a crônica (...). Chamando o leitor a ler além do factual, a crônica ostenta olhos agudos, atentíssimos ao efêmero dos fatos do dia-a-dia (1998,p.05).

Eis a importância em se associar, no exercício de análise da crônica jornalística, o cotidiano ao presente, fazendo do dia uma unidade temporal da história. Se os historiadores ainda alimentam preconceitos em lidar com o tempo presente, a crônica ou o cronista constituem-se em exemplos significativos de que o passado ou o futuro são ligados pelo presente, resultados de um presente. O cronista, neste ponto, ajuda o historiador a livrar-se do falso pressuposto de que lida somente com o passado. O presente do historiador, o cotidiano na crônica e a rotina diária do cronista evidenciam um tempo não apenas de alienação, mas de críticas, de desejos, de esperanças, de medos que só o tempo cotidiano, vivido, presente, pode revelar, seja pela ação, seja pela idéia.

Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. “**História de 15 dias**”, 15 de março de 1877. In: ---. *Obra Completa Vol. III*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.

FERREIRA, Sandra. “**A poesia do perecível**”. In: *Jornal Proleitura*. UNESP: Ano 5. n. 20, junho de 1998.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

NEVES, Margarida de Souza. “**Uma escrita do tempo**: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas” In: CANDIDO, Antônio [et all.]. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p.414.

PEREIRA, Rony Farto. “**Crônica: um olhar nas entrelinhas da vida**”. In: *Jornal Proleitura*. UNESP: Ano 5. n. 20, junho de 1998.